

O PODER DAS HUMANIDADES – O LUGAR DA LITERATURA: INTERROGAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Isabel Pires de Lima

Universidade do Porto (Portugal)

Isabel Pires de Lima

(University of Porto (Portugal))

Isabel Pires de Lima. THE POWER OF THE HUMANITIES AND THE PLACE OF LITERATURE – QUESTIONS AND INTERPRETATIONS

Abstract. The following text rests upon the academic speech delivered at the official ceremony granting Prof. Dr. Isabel Pires de Lima the honorary title Doctor Honoris Causa by Sofia University “St. Kliment Ohridski” in November 2019. The text discusses the urgent necessity to maintain and develop educational and research practices in the contemporary humanities. By focusing upon the hastiness that dominates contemporary daily grind and manifests in one of the most delicate, widespread and endogenous forms of violence, the article’s debate is centred around the necessity of the academic communities to assert their rights in finding a possible pause, gap, or interval where it is possible to exercise their critical and interpretative abilities. Contemporaneity can be exercised as opposed to the hastiness and robotized hyperactivity that prevents us from indulging in our supreme human authority of saying “no”.

Nowadays it is even more pressing to note the immutability of art and its interpretation, filtered through the processes of social interaction, revitalization of knowledge, and recognition of ethical values, while the power of contemporary humanities results from the consideration of those question and values that not only concern us today, but also make a stand against our civil communities. It is the humanities indeed that possess the greatest potential to enrich and direct this grand debate in the right way.

Keywords: humanities, literature, pause, contemplation, critical analysis

Изабел Пиреш де Лима. СИЛАТА НА ХУМАНИТАРИСТИКАТА И МЯСТОТО НА ЛИТЕРАТУРАТА – ВЪПРОСИ И ТЪЛКУВАНИЯ

Резюме. Настоящият текст се основава на академичното слово, произнесено на тържествената церемония по удостояването на проф. д-р Изабел Пиреш де Лима,

заслужил професор на Университета на Порто, с почетната титла „доктор хонорис кауза“ на Софийския университет „Св. Климент Охридски“ през м. ноември 2019 г. Текстът говори за неотложната необходимост да се поддържат и развиват обучението и изследванията в полето на хуманитарните науки в нашето съвремие. Като се спира на ускорението, което доминира в съвременното ежедневие и се проявява като една от най-фините, най-разпространени и ендеогенни форми на насието, статията разсъждава за това колко е наложително днес академични общности да отстояват правото си на достъп до мястото на пауза, промеждутък, интервал, където става възможно упражняването на критическите и тълкувателните способности. Съвременността може да бъде упражнена във формата ѝ на съпротива на ускорението и роботизирана хиперактивност, която не ни позволява да упражняваме висшата си човешка власт, като казваме „не“. Днес още повече се налага представата за неотменимостта на изкуството и на неговата интерпретация в процесите на социално взаимодействие, на обновяване на познанието, на припознаване на етическите ценности, а силата на хуманитаристиката в настоящето произтича от това, че хуманитарните науки разглеждат въпросите за ценностите, които днес ангажират, но и противопоставят в много голяма степен гражданските ни общества. Именно хуманитаристиката притежава големия потенциал да обогати и дори да насочи в правилното русло този мащабен дебат.

Ключови думи: хуманитаристика, литература, пауза, съзерцание, критически анализ

Recentemente, na abertura do ano lectivo na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, ouvi o filósofo espanhol, Daniel Innerarity, defender a ideia de quanto a democracia precisa das humanidades. Será exatamente sobre a premência da manutenção e desenvolvimento do estudo das humanidades no mundo contemporâneo que pretendo reflectir.

Num romance publicado em 1984, *Memorial do Convento*, José Saramago, o único escritor de língua portuguesa que ganhou um prémio Nobel, escrevia: “Tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas.” (Saramago, 329) Creio bem que esta frase diz a perplexidade perante uma sociedade que, sobretudo desde as décadas de 70–80 do século XX, mergulhou numa vertigem científico-tecnológica que se por um lado nos deu muitas respostas conducentes a avanços grandiosos no campo das ciências chamadas exactas, a certas muito produtivas na progressão exponencial da sociedade do consumo, a um numeramento cada vez mais eficaz e panótico da realidade, por outro quase nos impede de formular perguntas.

E se falo de vertigem é porque de velocidade se trata. Todos sofremos no nosso quotidiano social, profissional, familiar ou íntimo, a experiência da aceleração. E a nós, universitários, treinados para pensar, conceber, antecipar, isto é, para colocar questões e desenvolver experiências que exigem tempo e maturação, esmagamos cada vez mais com a constante e quase sempre absurda necessidade de tomar decisões científicas e pedagógicas contra o tempo. Pessoalmente cada vez mais

sinto essa subordinação à aceleração como uma das mais subtis, generalizadas e endógenas formas de violência a que somos sujeitos hoje. O filósofo esloveno, Žizek, entre as diversas formas de violência que identifica no seu famoso ensaio sobre o tema, considera que a mais poderosa e objectiva de todas é invisível e nela se sustenta a normalidade.

A aceleração tornou-se tão intrínseca às nossas vidas, esteio da normalidade do nosso quotidiano, que já ganhou a perigosa e paradoxal invisibilidade das coisas naturais, rotineiras, normais. Impôs-se a níveis tão sub-reptícios que induz comportamentos que impedem o usufruto de momentos de suspensão ou de os vivermos na constante culpa de não estarmos consentâneos com o ritmo do mundo.

Desde a Antiguidade que pensadores, filósofos e artistas reclamam o lugar privilegiado da contemplação. A contemplação fertilizaria a acção e seria o único lugar a partir do qual seria possível sentir a essência do mundo. Esse lugar da contemplação cedo foi reclamado também como o lugar da criação, o lugar da semente, da inovação, o lugar do amadurecimento do pensamento. Um lugar que implica desaceleração, subversão do tempo culturalmente determinado e entrega aos ritmos da natureza. Acho que é desse lugar que está a falar Rilke quando escreve:

Ser artista quer dizer: não calcular e não contar; amadurecer como a árvore que não pressiona a sua seiva e se mantém confiante nas tempestades da Primavera, sem medo de que o Verão venha em seguida. Ele chega sempre. Mas só chega para os pacientes, para os que ali estão, como se a eternidade estivesse perante eles, tão despreocupadamente tranquila e vasta (Rilke, 82).

Hoje, esse “ali” a que Rilke alude é cada vez mais improvável, difícil de alcançar, até para aqueles que habitam círculos onde supostamente a contemplação seria obrigatória, condição *sine qua non* para a sua atividade criativa, como na universidade entendida ainda como lugar de produção de saber e de pensamento crítico e não como escola profissional que se limite a responder a solicitações de mercado e de clientes.

Torna-se premente que nós, académicos, reclamemos o direito a aceder a esse lugar do intervalo, no qual seja possível o exercício crítico e a interpretação. Numa sociedade marcada por um intensíssimo fluxo de bens e de dados tratados em termos quase exclusivamente quantitativos, apostada em dar respostas, na expressão de Saramago, e respostas que se pretendem exatas, importa que sejamos capazes de reclamar o nosso papel natural de questionação, interrompendo esses fluxos acelerados, criando distanciamento em relação a eles.

As humanidades podem ocupar neste questionamento um lugar central de resistência que lhes é natural, não cedendo ao mito da exatidão, não prescindindo da intuição, levantando mais questões do que apontando soluções e ao mesmo tempo interpretando e dando sentido aos milhões de dados colocados quotidianamente à nossa disposição. Innerarity lembrava que assistimos a todo o momento a uma

comutação de dados e à sua manipulação que prescinde da teoria, sendo-nos criada uma ilusão de conhecimento inquestionável, como se olhássemos para um espelho cuja imagem reflectisse tudo sobre nós – um mundo liso como um espelho ou como um écran.

O historiador israelita Yuval Noah Harari, no seu livro de 2018, *21 Lições para o Século XXI*, defende que perante um mundo cuja única constante é a mudança acelerada, “as escolas devem mudar de modelo e passar a ensinar os «quatro C»: pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. (...) devem dar menos atenção às aptidões técnicas e colocar a ênfase nas aptidões de vida polivalentes” (Harari, 302). O objectivo será desenvolver a capacidade de lidar com a mudança, inventando novas ideias e novos produtos, mas sobretudo, lembra ele, reinventando-nos.

Ora o reforço das humanidades com a sua primeira e última especialidade de eternamente retomar os insolúveis problemas do humano será aqui de grande préstimo para os nossos estudantes e para a preservação da atitude de inquietação que nos distingue como seres humanos, que nos leva a interrogarmo-nos sobre o sentido da vida e da morte, sobre a transcendência, que reiteradamente nos conduz àquilo a que George Steiner chamou “a vertigem da interrogação”. E ele avisa com preocupação: “Abstermo-nos deste questionamento, censurá-lo, seria anular o pulsar e a *dignitas* que definem a nossa humanidade.” (Steiner, 67)

O filósofo de origem sul-coreana Byung-Chul Han alerta para o facto de, na sociedade contemporânea da produção e da comunicação global, imperar a positividade e o verbo “poder” por oposição ao paradigma de Foucault da sociedade pós-iluminista, disciplinar e proibicionista do “dever”, formada por quartéis, manicómios, prisões, fábricas, onde dominava a negatividade, o “não-poder”. *Yes we can* é o símbolo da sociedade da modernidade tardia para a qual os limites deixaram de existir e por isso também os gurus e os livros de auto-ajuda propalam o incitamento – “Tu podes”.

Claro que este ser empoderado está sujeito nesta sociedade da produção ao imperativo de produzir, de conseguir, de terminar e começar imediatamente um novo processo de produção, o que conduz a um empolamento da responsabilidade e da iniciativa individuais que fazem do homem contemporâneo um ser hiperativo e hiper-neurótico, que se auto-explora julgando-se livre, mas que facilmente cai na depressão quando conclui que, afinal, não é capaz de “poder”. Daí a constatação ironicamente contraditória, tão comumente formulada pelos seres cansados que a nossa sociedade produz, de que “nada é possível” numa sociedade cuja máxima é a de que “nada é impossível”. “Esta autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercivas que lhe são intrínsecas, se converte em violência. As doenças psíquicas da sociedade da produção nada mais são do que manifestações patológicas desta liberdade paradoxal.” (Han, 2014: 23). Por isso nos sentimos seres controlados, medrosos, apáticos ou agressivos, numa

sociedade onde a aceitação formal dos princípios da liberdade individual e do direito à diferença nunca foi tão grande.

Porém, tudo indica que em lugar de estarmos efectivamente mais livres e abertos à diferença, estamos dominados pelo que aquele filósofo chama o “terror do idêntico” (Han, 2018: 11). Procuramos ansiosamente o “like” que nos confirma idênticos ao outro que por seu turno identificamos conosco. Aquilo a que chamamos partilha resulta numa continuidade em que cada um continua sempre idêntico a si mesmo. Os amigos e seguidores que acumulamos nas redes da interconexão digital nunca nos facultam o encontro com alguém diferente e com a cultura diferente que porventura transporta. Encontramos sempre pessoas que pensam como nós, que não nos afastam do lugar de conforto das nossas certezas, que não concorrem para o alargamento do nosso horizonte de experiências. O mesmo autor lembra que: “O “digital”, em francês, diz-se *numérique*. O numérico faz com que tudo se torne *numerável* e comparável. É assim que se perpetua o idêntico.” (Han, 2018: 12–3)

Temos a ilusão do saber quando afinal apenas acedemos nas redes à vasta informação disponível, sempre disponível e em constante desatualização e reatualização; ora o saber implica o contacto com o diferente, transporta transformação e não identificação. O saber, o interrogar e o compreender não são estáticos nem se processam no clima de aceleração e do domínio do instantâneo a que a revolução digital nos condena; o saber implica maturação e contacto com o diferente ou o desconhecido e é provocador de redenção.

Esta eliminação do outro gera fenómenos autodestrutivos de afogamento do eu em si mesmo, de individualismo doentio, de acumulação narcísica da libido, do desejo dirigido para o objecto. Ora um eu estável precisa do outro, da sua gratificação, sob pena de cairmos em sentimentos de vazio e com ele em transtornos depressivos e auto-agressivos tão correntes na sociedade contemporânea. Por isso se pode interpretar o fenómeno hoje comum da adição às *selfies* não exactamente como uma manifestação de saudável narcisismo, mas como “a marcha no vazio de um eu narcísico que ficou só” (Han, 2018: 35) e que por momentos se revê pleno na superfície lisa e brilhante de um écran, espécie de espelho, extensão protectora de si mesmo.

Roland Barthes escreveu um dia que “O contemporâneo é o inatual.” (*Apud* Agamben: 20). O que Barthes está a acentuar nesta asserção é a possibilidade humana de estabelecer uma relação singular com o presente, aderindo a ele, mas, ao mesmo tempo, criando distâncias que permitam o desfaseamento em relação a ele. Nesta acepção, aderir ao presente e resistir-lhe é ser contemporâneo.

Não será então premente este exercício da contemporaneidade como resistência? Antes de mais nada resistência à aceleração, ao movimento, àquela hiperatividade quase robotizada que não nos deixa exercer o humano e superior poder de dizer não. “Yes, we can”, podemos; podemos parar, interromper o movimento, a aceleração, resistir à positividade exponencial, fugir ao puro reagir

para que nos empurra a sociedade da produção, atentar no outro e na diversidade que transporta e questionar o regime espaciotemporal de fluxos contínuos (cf. Innerarity); podemos criar intervalo e proceder uma vez mais àquelas interpelações que as humanidades estão sempre prontas a recolocar. Tornamo-nos ser amputados, auto-amputados quando nos acomodamos sem questionamento a tudo o que os dispositivos electrónicos passaram a fazer por nós e não nos tornando tanto como julgamos seres melhorados, resultantes do nosso novo estatuto de “imigrantes digitais”, na expressão feliz do sociólogo polaco Zygmunt Bauman. (Bauman e Mazzeo: 108)

Podemos enfim bater-nos pela retoma de espaços de contemplação enquanto reflexão silenciosa, pela reivindicação de lugares de intervalo, espaços usualmente tidos como inúteis e que afinal talvez estejam a revelar-se intensamente úteis na sociedade cansada, deprimida e esvaziada em que nos movemos. Refiro-me àquele velho campo das Humanidades, tão velho como a própria cultura, da escrita de histórias e da sua interpretação, a que filósofos e cientistas se entregaram desde a mais alta Antiguidade e que hoje muitos consideram inútil. Valorizo especialmente, enquanto professora de literatura, a prática da ficção, quer ela se chame poesia ou narrativa nas suas múltiplas formas de concretização e da prática hermenêutica. Aquela prática que fez um George Orwell escrever, em 1949, uma distopia tão anunciadora do nosso tempo à qual chamou *1984*.

Há alguns meses, o neurocientista português radicado nos Estados Unidos, António Damásio, numa conferência dada em Lisboa na prestigiada Fundação Calouste Gulbenkian, partiu para a sua viagem pelo cérebro e pelo que designou por “naturalidade da consciência”, dos primeiros versos do poema de Emily Dickinson, “Mais vasto o Cérebro — que o Céu —”, que entendeu equacionarem uma interpelação idêntica à que o move na pesquisa em curso e que expôs de seguida. Num certo momento do debate que se seguiu, António Damásio reclamou a importância da imaginação e do mundo da ficção com o seu pessoal romanesco e o manancial de comportamentos das personagens para pensar a vida futura. De resto Damásio sempre defende que contar histórias foi a solução encontrada pela mente consciente para tornar compreensível e transmissível a regulação da vida dos indivíduos pertencentes a um grupo e adoptada como meio privilegiado de comunicar emoções e factos tidos por importantes para a vida individual e colectiva, envolvendo prazer quer na representação, quer no reconhecimento (Damásio: 359). E por essa via a arte de contar (e a arte em geral) vai adquirindo também uma vertente antecipatória identificada desde logo por Aristóteles na *Poética* quando atribui à poesia (que aqui vale por literatura e afinal por qualquer tipo de criação) a arte de significar o possível, isto é, de dizer não o que foi, mas o que poderia ter sido.

Jonah Lehrer, um jovem neurocientista estadunidense, falou de forma muito comunicativa do modo como a arte antecipa inclusivamente a ciência, num livro

encantatório intitulado, *Proust era um neurocientista*, no qual mostra como, através de caminhos peculiares, grandes artistas incluindo os da palavra, mas também da dança, da música, da culinária exprimiram nas suas criações o que nenhuma experiência fora capaz de ver antes. Isto é, a imaginação, incluindo a literária, afigura-se-lhe determinante para o avanço do conhecimento científico, porque diz ele “somos feitos de arte e de ciência” (Lehrer: 14).

De tudo isto decorre a imprescindibilidade da arte e da sua interpretação na interacção social, na inovação do conhecimento e na identificação ética dos valores mesmo que possa ser percebida ou perceber-se a si própria como o domínio do inútil. Por isso concordo vivamente com pensador italiano Riccardo Mazzeo quando defende que as metáforas de que a arte é feita nos ajudam a encontrar a nossa direcção no mundo (Bauman e Mazzeo: 107).

O mesmo António Damásio não se tem poupado a alertar para a necessidade de atentarmos no ensino das artes e das ciências humanas, se queremos criar mais e melhor cidadania. A arte, onde obviamente se inclui a literatura, convoca formas de inteligência emocional para a relevância e o fomento da qual a neurociência tem vindo a chamar cada vez mais a atenção. Promover a integração, ao nível do ensino, entre o desenvolvimento da inteligência cognitiva, que o ensino tradicional sempre acolheu ao valorizar a dimensão técnico-científica e o da inteligência emocional, que as humanidades e as artes, entre as quais a literatura, sempre fomentaram é um caminho seguro para a qualificação da cidadania e para a construção de sujeitos mais harmoniosos.

De algum tempo a esta parte debate-se ou lamenta-se entre os professores de todos os sectores aquilo a que já se chama o paradoxo do “deep learning”, isto é, a contradição que revela que crescimento no conhecimento nem sempre corresponde a aumento da capacidade de compreensão e saber. Muitos dos nossos alunos mostram ter dificuldades em integrar um novo conhecimento no mundo previamente conhecido, ou seja, manifestam dificuldades em articular novo e velho conhecimento no sentido de esboçar novos caminhos. Eu diria, têm défice de intervalos, de contemplação, défice de espaços reflexivos de interrogação e de prática de interpretação.

O que de melhor poderemos oferecer-lhes – a eles e a todos nós afinal – do que histórias, histórias que a literatura e a arte nos facultam e nas quais as humanidades são especialistas?

O poder das humanidades hoje decorre do facto de atentarem nas questões dos valores que tanto mobilizam e dividem os cidadãos e terem um enorme potencial para enriquecerem e até disciplinarem esse debate. Não é à toa que a interpretação e o pensamento crítico, designadamente o criticismo filosófico e literário, têm evidenciado um retorno ético – e esta é também a grande oportunidade para as humanidades num mundo em crise, mergulhado na hipervalorização do que é dito exato, mas que não encontra instrumentos exatos para sair da crise.

Em França, Antoine Compagnon, um engenheiro que se tornou professor de literatura no prestigiadíssimo Collège de France, tem insistido no regresso ético da literatura, reposicionando-a como “um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível, acerca da natureza humana, um saber das singularidades.” (Compagnon: 44) e, no mundo anglo-saxónico, Peter Levine, repensando as humanidades, nota como aquilo que designa por “ethical turn” na literatura e por “turn to narrative in ethics” convergem. E acrescenta:

These trends are desirable because valid moral reasoning depends upon the telling and interpretation of stories. In turn, stories are necessary because ethical reasoning is largely particularistic, not categorical. It is *about* particular people in particular situations, not *about* abstract concepts (Levine: 130)

E a própria essência da ética humanista obriga a colocar as pessoas, individualmente consideradas, em primeiro lugar.

Não se confunda, porém, o retorno ético da literatura com qualquer velha ideia de literatura de tese. A literatura não formula teses, quando muito incita o leitor a activa e livremente formulá-las, abandonando ideias feitas. Ao defender a introdução do ensino da literatura em cursos técnicos (a par com o ensino relativo a outras formas de arte), Silvina Rodrigues Lopes, uma teórica da literatura portuguesa, diz que ele contribui para o desenvolvimento do conhecimento posto que “este assenta na condição paradoxal de preparar a sua própria negação, a negação de ideias feitas, qualquer que seja o seu estatuto.” (Lopes: 132)

Complementarmente, Richard Rorty tem notado quanto o contributo da literatura para a compreensão do mundo não é, aliás, tanto da ordem da verdade ou do conhecimento, mas da experiência do outro, isto é, a literatura contribuiria menos, segundo ele, para combater a nossa ignorância do que para combater a nossa ilusão de auto-suficiência, o nosso egotismo. E por isso, Rorty distingue a literatura de outros tipos de discursos do conhecimento como o filosófico, o científico ou o político.

Termino aludindo ao formalista búlgaro Tzvetan Todorov, que, como sabem, procurou, nos anos 60/70, estabelecer utensílagens teóricas precisas para proceder à análise estruturalista dos textos literários, o qual, corroborando a posição de Rorty, emite esta surpreendente opinião, num livro de 2007, intitulado *A Literatura em Perigo*, o qual funciona como uma espécie de *mea culpa*. Diz ele:

O que o(s) romance(s) nos dá(ão) (*sic*) não é um novo saber, mas uma nova capacidade de comunicação com seres diferentes de nós; nesse sentido, eles participam mais da moral do que da ciência. O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema da ligação humana (Todorov: 81).

O contacto com o universo literário e com os pontos de vista diversos que ele transporta, faculta um alargamento interior e a aquisição de novas capacidades de

percepção do outro, gera consciência inclusiva. Conseqüentemente, a experiência da literatura abre-nos para o diálogo intercultural e para o domínio da compreensão da diversidade do humano, que, a meu ver, a contemporaneidade e muito especialmente a Europa precisam de fomentar com urgência.

O mundo carece de interpretação e de transformação, mas ao contrário do que pretendia Marx, a etapa da interpretação nunca termina, e em boa verdade a necessidade da sua transformação também não. Terminada a era das grandes narrativas utópicas, importa ir definindo, mesmo numa prática de constante navegação à vista, as rotas que em cada momento e em cada situação mais convêm às mulheres e aos homens comuns. E uma tal definição será feita, é minha convicção, no já aludido lugar do intervalo, a partir da aguda atenção ao mundo, da sua contemplação e do activo exercício de interpretação, um lugar do intervalo que reclama novas formas de movimento. Provocatoriamente, Paul Lafargue, genro de Marx, reclamava o direito à preguiça, muito provavelmente uma outra forma de já nessa altura designar o intervalo e a reflexão silenciosa. Aquelas rotas tanto podem ser ditadas pelo local, como pelo global, pela rua que urge asfaltar, como pelo serviço nacional de saúde que importa fomentar ou pela defesa da floresta amazónica. E não poderão ser propiciadas pelo confinamento imposto por uma pandemia global?

Contar e ouvir histórias, ler e interpretar textos, designadamente literários, é um precioso instrumento para fomentar o espírito crítico e para formar os jovens na escuta do outro, no contacto com múltiplas singularidades, na percepção das potencialidades que a palavra contempla para criar mundos, resistindo ao mundo dado, mediatizado pela superfície sem rugas e aparentemente perfeita de um *smartphone*. Eça de Queirós, o grande clássico do século XIX português, já escritor maduro e, portanto, já bastante vazio de certezas, fez o seu hiper-civilizado dândi, Fradique Mendes, escrever sabiamente: “a ilusão (...) é tão útil como a certeza: e na formação de todo o espírito, para que ele seja completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas como os Problemas de Euclides.” (Queirós: 273). Isso ajudar-nos-á a nós, professores, e a eles, estudantes, a preservar e a fomentar “o pulsar e a *dignitas* que definem a nossa humanidade.” (Steiner: 67).

O presente texto constitui no essencial a oração que me coube proferir por ocasião da honrosa atribuição, em 26.11.2019, de um doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski, que me foi concedido, pelo Magnífico Reitor, Prof. Dr. Anastas Gerdjikov, poucos dias após a inauguração nesta Universidade de uma Cátedra Camões, designada José Saramago.

Entendi, pois, este título não tanto como uma distinção individual mas como uma distinção à língua portuguesa e às culturas e literaturas que através dela se expressam, cujo estudo e domínio de investigação têm uma sólida tradição nesta Universidade. E o facto de ter sido convidada a expressar-me em português confirma isto mesmo, além de evidenciar o empenho da Prof^a Yana Andreeva, grande conhecedora da língua e da cultura portuguesas, que me traduziu para búlgaro, de modo a que o auditório pudesse conviver com pelo menos a prosódia do português.

Entendi ainda este título, atribuído a alguém vindo da área das Humanidades, como o reconhecimento da relevância deste campo do conhecimento no seio da Universidade de Sófia. O seu patrono, St. Kliment Ohridski, fundador da Escola Literária de Ócrida, que tão relevante papel desempenhou no campo da língua e da educação no mundo eslavo, não está sendo traído.

Aproveito esta nota prévia para dizer, mais uma vez, Blagodarnost, Priznatelnost, expressando a minha gratidão à Universidade de Sófia Sveti Kliment Ohridski, ao seu Reitor e à Decana da Faculdade de Filologias Clássicas e Modernas, Prof^a Dr^a Madeleine Danova; para dizer obrigada, palavra que em português significa literalmente ficar devedora e vinculada.

Por fim permito-me fazer notar que o presente texto foi escrito bem antes da experiência de desaceleração e de confinamento a que a crise sanitária pandémica nos obrigou.

Referências

- Agamben, Giorgio (2012). *Nudités*. Paris, Ed. Payot & Rivages.
- Bauman, Zygmunt e Mazzeo, Riccardo (2016). *Elogio de la Literatura*. Barcelona, Gedisa.
- Compagnon, Antoine (2010). *Para que serve a literatura?* Porto, Deriva Editores.
- Damáσιο, António R. (2011). *E o Cérebro Criou o Homem*. S. Paulo, Companhia das Letras.
- Han, Byung-Chul (2014). *A Sociedade do Cansaço*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Han, Byung-Chul (2018). *A Expulsão do Outro*. Lisboa, Relógio d'Água.
- Harari, Yuval Noah (2019). *21 Lições para o Século XXI*, 5^a ed. Amadora, Elsinore.
- Innerarity, Daniel (2009). *O Futuro e os seus Inimigos*. Alfragide, Teorema.
- Lehrer, Jonah (2007). *Proust era um Neurocientista*. Alfragide, Lua de Papel.

- Levine, Peter (2012). “An Ethical Turn for the Humanities”, *Rethinking the Humanities – Paths and Challenges*, (Ed. Ricardo Gil Soeiro and Sofia Tavares), Cambridge Scholars Publishing.
- Lopes, Silvina Rodrigues (2003). *Literatura, defesa do atrito*, Edições Vendaval.
- Queirós, Eça de (2014). *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Rilke, R. M. (2002). *Cartas a um Jovem Poeta*, Porto, Asa Edições.
- Rorty, Richard (1994). *Contingência, ironia e solidariedade*, Lisboa, Editorial Presença.
- Steiner, George (2015). *Dez Razões (Possíveis) para a Tristeza do Pensamento*, Lisboa, Relógio d’Água.
- Todorov, Tzvetan (2009). *A Literatura em Perigo*, Lisboa, Difel.
- Zizek, Slavoj (2009). *Violência – Seis Notas à Margem*, Lisboa, Relógio d’Água.

Професор емеритус Изабел Пиреш де Лима

Университет на Порто

Адрес: Виа Панорамика, 4150–564, Порто, Португалия

Член на Института по сравнително литературознание „Маргарида Лоза“

Address: ✉ www.letras.up.pt

✉ www.ilcml.com

Professor Emeritus Isabel Pires de Lima

University of Porto

Address: Via Panoramica, s/n 4150–564 Porto, Portugal

Member of the Comparative Literature Institute Margarida Losa

Address: ✉ www.letras.up.pt

www.ilcml.com